

UMA PEÇA DE PIRANDELLO

(sei personaggi in cerca de auctore)

U^m dos primeiros (se não o primeiro) personagem da peça tem a superior originalidade de compreender o amor de sua mulher e do seu secretário. Por isso, e também porque a vida se lhe torna insuportável ante esse amor silencioso e passivo — ele expulsa a mulher, forçando-a a ir ser feliz com o outro. Do seu primeiro homem, a mulher tem um filho que o Pai faz criar longe dela e de si, querendo-o são, forte, e liberto das emoliências do lar. Eis três dos «Sei Personaggi» de Pirandello: O Pai, a Mãe, o Filho. Do seu segundo lar, a Mãe tem três filhos. Eis os três outros personagens. A peça escrita por Pirandello decorre entre estes seis personagens, os actores que os hão de viver no teatro, e o Director de scena que se improvisa seu autor — o autor que eles buscam para que possam viver a vida eterna, imutável, da criação artística. Ha pois, na peça de Luigi Pirandello duas peças (e o germen de quantas outras...?): O drama travado entre estes seis personagens, e a alta comédia que de comum acôrdo eles travam não só com os seus designados intérpretes, mas também com o seu improvisado autor. Porque buscando um autor, eles só buscam um homem que os fixe num manuscrito — tais como são. E julgam poder dispensar actores, julgando poder ser simultaneamente personagens de teatro e intérpretes — nesse caso absolutamente reais — da sua própria personalidade. Ora nem o autor que se lhes oferece os pode trazer à publicidade tais quais são, nem eles podem ser actores d'elles mesmos: porque é na realidade da arte — «uma ilusão do real» — que os seus gestos, palavras e atitudes devem viver; e não na realidade da vida. A sua grande força e o seu grande defeito é serem reais, vivos. E no entanto eles não nasceram como os outros... os que não procuram autor. Porque embora buscando um autor que os encarcere, os immortalize num manuscrito, eles devem a sua vida a um primeiro autor que os concebeu. Somente, se este foi suficientemente criador para lhes dar uma vida tão viva, tão poderosa, que nem ele mesmo é já capaz de lhe desviar o curso, foi insuficientemente técnico ou artista para os realizar: para escrever o drama que eles oferecem. Pirandello é que é suficientemente complexo para ser o seu primeiro autor e o segundo — o que eles buscam. Eis pois os seis personagens de Pirandello a viver três vidas na comédia de Pirandello: Primeiro, a sua vida por assim dizer uterina no cérebro do autor que os concebe. Segundo, a sua vida viva e própria: a que já é uma imposição da sua parte àquele mesmo que os gerou. Terceiro, a sua vida artificial, verosímil, artística, eterna — vivida através dos actores que os perfiguram e do autor que eles buscam para remediar a impotência do seu vero criador. «Mas isto é prestidigitação!» — apetece gritar como na própria peça de Pirandello. Tanto mais que este grito é arrancado à primeira actriz pelo prodígio duma outra realidade: a de *Madama Pace*. Porque a realidade de *Madama Pace* é já diversa de qualquer das realidades dos «Sei Personaggi». Mantenedora duma casa equivocada, *Madama Pace* aparece, nasce por uma evocação do próprio ambiente, por uma atracção do próprio assunto... E' quando toda a scena está preparada para a sua entrada e representa a sua casa, que *Madama Pace* entra... não se sabe donde. Tal como depois, no final da peça, uma criança se suicida, por uma espécie de coacção, de sugestão, de constrangimento duma ficção que de súbito alcança o polo oposto. Eis a falsidade da Arte repentinamente galgando até à realidade da Vida. Sim, é um truc de prestidigitação! Mas a originalidade de Pirandello está precisamente em usar habilidades de malabarista, improvisações de funâmbulo, manhas de escamoteador,

para nos oferecer as suas lições de filósofo, as suas experiências de psicólogo, as suas conclusões ou intuições de artista. Profunda e grave, a Arte de Pirandello tem esta elegância, tão contemporânea, de não cuidar em querer parecer o que é; de assimilar, pelo contrário, as seducções da futilidade e da fantasia. Mas a seriedade do comediógrafo ressoa em cada uma das palavras que joga... O que é a verdade? o que é a mentira? Onde começa a realidade? onde a ficção? A verdade é só uma? a realidade é só uma? a sinceridade é só uma? Eis interrogações capitais que atravessam a obra de Pirandello, surgindo nesta peça com uma insistência e uma complexidade quasi irritantes. Porque não é só intellectualmente que estas interrogações são postas — na alta-comédia travada entre os Seis Personagens e os seus introdutores no «mundo da arte». Se nesta parte da sua peça Pirandello ergue problemas de ordem estética, dando-nos intuições e conceitos sobre a arte em geral, a arte do teatro em particular, e ainda mais em particular a sua própria arte, por traz dos pontos de vista sempre originais do esteta, ha as conclusões do psicólogo, as análises do critico, as notas do espectador, as abstracções do filósofo, isto é: ha o homem curioso da vida e dos homens. Esquecendo um instante a concepção tão pirandelliana de seis personagens saídos do sonho dum criador indolente ou impotente — bem certo é que estes seis personagens são seis criaturas vivas, humanas, entre as quais se debatem conflitos tão susceptíveis de inspirar um melodrama a D'Ennery, como um «estudo» a Zola, como um drama a Pirandello. Quero eu dizer que se da individualidade do artista e do gosto da época depende a maneira da sua transposição para o mundo da arte, nem por isso esses seis personagens deixam de ser pedaços de humanidade palpitante da própria vida que nos anima. Como cada um de nós, cada um d'elles tem portanto o seu drama. O do Pai é complexo e «cerebral» como convem a uma figura por traz da qual fala as vezes o próprio Pirandello. Querendo forçar a Vida e violentar, pelas soluções que a intelligência lhe sugere, a felicidade dos que ama e a sua própria — sofre não só da incompreensão de todos como do fracasso final das suas combinações: A Vida não lhe permite as erratas que ele se permite fazer-lhe, e vingase arrastando-o na engrenagem dos seus imprevistos. A este sofrimento multiplicado por todos os meandros, por todas as complicações possíveis a um homem que, mais ou menos directamente, todos accusam de «raciocinar de mais» — dá especial sabor a sua posição perante a filha do lar ilícito que ele mesmo incitara. Reencontrando-a, sem a reconhecer, na casa mais que suspeita de *Madama Pace*, elle está prestes a realizar o que aparece a todos como um quasi incesto, quando o esclarece a chegada tão teatralmente oportuna da Mãe. E' então que o drama da rapariga — ter sido arrastada, pela força das circunstâncias, a «simplificar brutalmente» a vida pelo sacrificio da sua beleza e do seu pudor — se resume no ódio selvagem, quasi sensual, com que persegue o homem que a teve nos braços, que foi marido de sua mãe, e que já a ia espreitar, à saída das aulas, quando ela ainda usava tranças compridas... A perversidade, a deslealdade destas insinuações melhor exhibe ao Pai a profundidade das incompreensões que o cercam. Um momento da sua carne demasiado moça para renunciar ao amor, demasiado velha para o merecer, alarga-se e invade toda a sua existência honesta: Porque ele foi visto «num momento em que não deveria ser visto», a realidade desse momento avulta como sendo a própria realidade essencial da sua personali-

(Passa para a página 7).

dade. Vis à vis dêste conflito, debate-se mais surdo, não menos profundo, o da Mãe e do Filho: Repelida pelo marido, forçada por êle e pela sua própria passividade a ir ser feliz com outro homem, ela sofre por ter abandonado o seu primeiro filho; e sofre por êle não poder compreender nem perdoar tal atitude — exactamente como ela própria. E o Filho sofre por ter sido criado sem lar — não compreendendo a atitude do Pai; sofre por ser obrigado a considerar bastardos intrusos os filhos duma mulher que também é sua mãe; sofre por achar no pai um estranho, por ser arrastado a «personagem» dum drama de que sonha isolar-se, e por seus pais se lhe terem desnudado como *homem e mulher vivendo como mulher e homem*. Assim é que essa mulher e êsse homem deixam de lhe aparecer sua mãe e seu pai. Ele só experimenta por êles desprezo e cólera. Outros personagens e outros conflitos surgem ainda na peça tão densa de Pirandello. Mas narrar, descrever, limitar uma peça tão carregada de pontos de vista é quasi impossivel. Isto basta a fazer suspeitar a sua riqueza. Basta também a fazer ver como numa comédia tão *concebida* (?), tão intelectual, tão crítica e por vezes tão abstracta, se vai inserindo um drama tão humano, tão vivo, não só tão possivel mas até tão real em sua essência, embora por vezes tão fantasiosamente romanesco nos pormenores. E basta ainda a provar como, encarando criaturas vivas, Pirandello volta, já com uma ironia mais alta, a formular as perguntas que formulara encarando

apenas «personagens» de teatro: O que é a verdade? o que é a mentira? Onde começa a verdade? onde começa a mentira? Na boca do Pai põe êle algumas das suas respostas. Relativista, scéptico, e rezignado superiormente ironista, Pirandello conclui talvez pela aceitação da vida tal como se nos oferece (o êrro do Pai foi não a ter aceitado) mas sem que tal aceitação implique a mínima condescendência, a mínima fraqueza da sua inteligência critica. Embora aceitando-a, êle continua a julgá-la com uma lucidez trágica e desconcertante. Se uma verdade é a pura verdade quando parece verdade e para quem parece verdade, Pirandello não deixará que qualquer verdade lhe apareça como a pura verdade, senão talvez a que lhe faz reconhecer plenos direitos a todas as criaturas — a todos os personagens — e a todos os achados, ilusões e cegueiras que constituam a sua individualidade. Isto também é ter a sua verdade — e pressente-se como ela relaciona Pirandello com alguns dos maiores artistas do nosso tempo. Será preciso citar mais uma vez os nomes de Marcel Proust, Gide, Shaw? Mas nem êle mesmo fugir à regra — só reforça a sua teoria. E a sua teoria, se êle a tem, é não só excedida, contravertida pela sua continua ironia e pelo seu implacável poder de análise, mas também infinitamente alargada pelo seu dom de artista. Nunca será inútil repetir que o que mais interessa numa obra de Arte... é a própria obra de Arte. As verdades de La Palisse são tão facilmente esquecidas como aceites. Reduzida a fórmulas

filosóficas, a termos intellectuais, toda a obra de Arte, até a mais rica em direcções, nos parecerá sempre muito mais pobre que de facto. Surpreender o próprio fundo artistico, essencial, e continuamente ~~perdido~~ — é até uma das mais importantes e ousadas emprêsas da critica contemporânea. Ora apesar das suas múltiplas aptidões, Pirandello não foge à regra e não pode deixar de nos parecer ainda mais rico artista do que pensador. Sei bem que é pela sua superioridade intellectual que Pirandello é uma das primeiras figuras do nosso tempo. Os que o não compreendem accusa-lo-hão até de também ~~ser~~ «*innocinar de mais*». São os que preferem aos chamados ~~malabarismos~~ de Pirandello os estafadissimos carpinteirismos de Wolf, Méré, Frondaie . . . e etc, etc. Mas medite-se algumas confissões do próprio Pirandello nos «*Sei Personaggi*». E' tambem por sentir, viver, ruminar, *complicar pela sensibilidade* as suas ideias, que Pirandello é quem é. E é por estar cheia de pensamento trabalhado por um temperamento, que a sua peça é uma obra-prima do

teatro contemporâneo. Nela Pirandello tem sempre mais que dizer — e ainda sugere sempre mais do que exprime. Eis o dom maximo de todos os grandes artistas: Serem inexgotáveis e diversos. E' isto, talvez, o que certo publico ainda lhe não perdôa. E' difficil compreender que um pensador baile tão bem, que um analista seja tão hábil a fazer sortes, que um psicólogo se finja tão facilmente *blagueur* — e que um Artista se enriqueça de dons tão geralmente separados e tão facilmente supostos contraditórios. Os homens perdoam uma superioridade de ~~o~~specialista, mas só difficilmente — aceitam uma superioridade tão completa. Por isso mesmo o triumpho de Pirandello será duradoiro e é já profundo. Anti-dogmático, anti-catedrático e anti-categorico, Pirandello é verdadeiramente sério e profundamente alheio a esse espirito «*de pesanteur*» que já Nietzsche detestava.

José Régio